

O Liberal
10/16/1998
70'E

Missão faz lobby para voltar aos Zo-é

Sertanista responsabiliza missionários evangélicos pela morte de 40 índios durante uma epidemia de gripe há onze anos

J. BOSCO

Sete anos depois de terem sido retirados pela Funai da área dos tribos Zo-é, localizada no município de Óbidos, oeste do Pará, entre os rios Paru de Este e Paru do Oeste, os missionários da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB) estão prontos para voltar à área. Para conseguir esse objetivo, eles contam com a ajuda de um poderoso lobby da bancada de deputados federais evangélicos. Esse grupo já teria conseguido o apoio do presidente da própria Funai, o goiano Sulivan Silvestre Oliveira, correligionário do ex-ministro da Justiça, Iris Rezende.

"A república do piqui quer acabar de vez com os Zo-é", acusa o sertanista Fiorello Perise, que trabalha com os índios, referindo-se à administração do ex-ministro goiano no Ministério da Justiça, "que despediu indigenistas competentes para encher a Funai de goianos", acusa.

O sertanista relata que, no último dia 19 do mês passado, a coordenadora geral de estudos e pesquisa da Funai, Maria de Nazaré Baiocchi, enviou à comunidade dos Zo-é o memorando 190/98, solicitando a anuência dos caciques daquela tribo, do grupo linguístico Tupi, para que os missionários Carlos Alberto de Lacerda Carvalho, Edward Gomes da Luz e Onésimo Martins de Castro pudessem ter acesso às aldeias "com o intuito de observar em que área poderão elaborar projetos adequados para a devida assistência em saúde, desenvolvimento comunitário, língua, cultura e educação".

Para os indigenistas que trabalham há anos com os Zo-é, caso se concretize o retorno dos membros da MNTB, "volta a ser destruída uma cultura que estava quase primitiva, bastante prejudicada, mas que conseguiu se recuperar a partir de 1989, e também voltarão a acontecer as mortes de índios, como em 1987, quando mais de 40 Zo-é perderam a vida por causa da gripe contraída dos missionários estrangeiros que estavam convivendo com eles".

O sertanista Parise, um italiano de 51 anos, naturalizado brasileiro, e que está desde 1971 trabalhando nas frentes de atração indígena, garante que "pedir a anuência aos índios para que eles deixem os missionários invadirem suas terras para fazerem proselitismo religioso é jogar os índios no inferno. E, depois, eles dizem que vão tratar da saúde dos índios é uma mentira. Como eles podem afirmar isso, se da última vez que estiveram junto dos Zo-é eles mataram mais de 40 pessoas?", indaga o sertanista, que já contraiu 57 malárias durante todo esse tempo de vivência com os índios.

O superintendente regional da Funai em Belém, o sociólogo Frederico de Miranda Oliveira, disse que pretende buscar o apoio do Ministério Público para evitar que os missionários da MNTB retomem seus trabalhos entre os Zo-é. "É importante que o Ministério Público verifique essa situação. Isso é muito importante para a sobrevivência da cultura Zo-é", disse Frederico.

Ele esteve há menos de uma semana na área dos Zo-é, junto com o Procurador da República, Felício Pontes, para uma inspeção. Foi quando o superintendente da Funai percebeu que tudo não passava de uma manobra para que novamente a Missão Novas Tribos do Brasil regressasse àquela área para desenvolver suas atividades religiosas.

Atualmente há menos de 200 índios daquela tribo, que ocupam uma área de mais de 600 mil hectares. De características longilíneas, tez clara, alguns homens e mulheres Zo-é usam cabelos compridos, mas outros preferem o corte tipo "cuia". A partir dos 7/8 anos, todos os membros da tribo têm o lábio inferior perfurado, no qual é introduzido um adorno de madeira denominado "rebenpó".

Os Zo-é são nômades e mudam de lugar, conforme suas necessidades. Numa determinada época do ano, por exemplo, eles se dedicam à caça de macaco; noutra exclusivamente à pesca. E, na agricultura, logo que o terreno fica exaurido, eles vão plantar em outra área.



Contato foi feito em 1982 Funai só encontrou doentes

Foram os próprios missionários da Missão Novas Tribos do Brasil que tiveram o primeiro contato com os índios Zo-é, isso em 1982, embora esse contato tenha sido bastante breve. No ano seguinte, ao tomar conhecimento da investida dos evangélicos, a Funai se posicionou contrária à permanência deles junto aos índios, já que um grupo isolado teria que ser contatado pela Funai e não por outra entidade sem amparo legal e técnico para a tarefa.

Por conta das pressões, os evangélicos da MNTB interromperam por dois anos suas atividades junto aos Zo-é e depois voltaram à área. Eram os missionários norte-americanos Paul Allen Nageli, Miles Stacey Tenpleton e Steve Armour, a canadense Welma Thoannes Lowen Nageli (esposa de Paul) e os brasileiros Onésimo Martins de Castro, sua esposa Mariana Barbosa de Castro, Anestor Farias Júnior e Enilda Ludivino Farias.

O problema é que os missionários se preocupavam apenas em praticar o proselitismo religioso,

deixando a saúde dos Zo-é cada vez mais precária. A situação de saúde dos índios se agravou tanto que os próprios missionários pediram ajuda para resolver o problema. "Eles tiveram a coragem de nos dizer que a obrigação deles era cuidar da alma dos índios e não da saúde", relembra Paresi, autor de um relatório sobre como foram encontrados os Zo-é depois de anos sob a tutela imposta pelos evangélicos.

Uma característica peculiar nos índios é que quando eles estão vivendo uma vida sem perspectiva de futuro garantido procuram evitar filhos. Dessa maneira, quando a equipe de Paresi chegou ao local, não encontrou nenhuma criança com menos de três anos. "Nós vimos, mas não conseguimos provar, que os missionários mantinham um grande negócio lá entre os índios, que era um certo turismo ecológico. Eles levavam representantes de ONG's para ver índios nus e conseguiram dinheiro para sua 'causa' explica o sertanista.

Quando ao estado de saúde dos índios em 1989, o relatório de Paresi é estupefante: "Todos os índios se queixavam de tosse, colocando as mãos sobre a garganta e pedindo que jogássemos fumaça de cigarro, uma clara demonstração de afecção respiratória. Durante a noite a maior parte tossia muito e escarrava bastante. Vários índios, tanto adultos quanto crianças, apresentavam icterícia, com claros vestígios de desnutrição. Pelos menos cinco adultos foram encontrados prostrados nas suas redes, sem forças para qualquer atividade. Foi constatado também um índio vomitando vermes (*ascaris*).

Vários índios apresentavam febre. Os missionários diziam que era em decorrência da malária. Mas não havia mosquito. Daí a conclusão de que a febre era em virtude das complicações respiratórias. O quadro da saúde era agravado pela carência de proteínas. É triste vê-los coletar e comerem tapurus, essas pequenas larvas que se desenvolvem nas coisas putrefadas. Até com um dia de ca-

minhada, em qualquer de suas aldeias não se encontra caça", constata Paresi.

Cobrança - O deputado federal Benedito Guimarães (PPB) disse ontem, por telefone, que "num país democrático, como o Brasil, não pode haver proibição religiosa". O parlamentar acusa diretamente a antropóloga belga, naturalizada brasileira, Dominique Gallois, de "estar, junto com alguns funcionários da Funai", tentando denegrir a imagem da Missão Novas Tribos do Brasil.

No final do ano passado, o deputado pebebista já tinha feito essa denúncia. O atual superintendente regional da Funai, Frederico Miranda, solicitou que ele apontasse quais os funcionários da Funai envolvidos. Mas até hoje Frederico não obteve resposta.

O deputado pediu, no dia 1º de abril, à Comissão da Amazônia da Câmara Federal, a formação de uma Comissão Externa para verificar na própria região o que de fato está acontecendo na área onde vivem os Zo-é.

PAULA SAMPAIO



▲ FREDERICO - Funai aciona o MP